

A CONSTITUIÇÃO DO SUPEREU

Um breve percurso do conceito¹

SÉRGIO LIMA LORENZ²

Introdução

O presente trabalho pretende percorrer a teoria freudiana sobre uma das estruturas da segunda tópica proposta por Freud, especificamente a do supereu, suas relações com as outras instâncias, o isso e o eu, e, sobretudo, sua importância na instauração das relações vinculares e nos processos constitutivos da intersubjetividade. Nossa intenção é meramente de uma revisão de literatura na busca da compreensão do percurso freudiano sobre a noção de supereu, sem produzir quimeras, fantasias maiores, no próprio leitor.

1. As primeiras noções de uma consciência especial

Freud, como toda a sua obra, começa a desenvolver o conceito de supereu a partir de suas observações clínicas. Há um longo percurso até sua constituição. Antes mesmo de 1923, quando descreveu claramente a função do supereu em relação ao isso e ao eu, na obra *O Eu e o Isso*, já apontava em textos anteriores uma instância que travava uma luta contra as pulsões sexuais provenientes do isso. Segundo Laender (2005), o conceito de supereu - no início - confunde-se com o de Consciência, quando Freud menciona no artigo *Atos Obsessivos e Práticas Obsessivas*, de 1907, uma espécie de “consciência especial, uma formação defensiva do eu, que surge devido ao recalçamento das ideais sexuais incompatíveis com a consciência”. A neurose obsessiva, então, apareceria como um sintoma da defesa contra os desejos proibidos, com práticas ritualísticas equivalentes aos observados nas práticas religiosas, mas vazias de sentido.

Em *Introdução ao Narcisismo* (1914), Freud redefine a função do eu a partir da teoria da libido. Nesse texto, ele apresenta a distinção entre a libido do eu e a libido

¹ Trabalho apresentado em Jornada de estudos de 11 de maio de 2019.

² Jornalista, especialista e mestre em Educação. Candidato em formação no Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul.

objetal, até chegar ao conceito de narcisismo. Num primeiro momento, o bebê não faz a distinção entre ele e o mundo exterior. Busca a satisfação de suas necessidades vitais sem distinguir o objeto, o que é seu e o que provém da mãe. Como normalmente recebe sempre a mais do que necessita para sobrevivência, o que lhe dá prazer, a pulsão sexual se apoia na de autoconservação e termina por libidinizar o ato de mamar, por exemplo. Para ele, o bebê, todo prazer está apoiado em seu corpo, nas suas zonas erógenas, nos seus orifícios, na sua pele. O que Freud denomina de fase do autoerotismo, como diz Quinodoz (2007), cujo modelo é o da masturbação. Aqui, não há relação objetal. É a fase anobjetal.

Portanto, o que está em funcionamento neste período de desenvolvimento é a libido narcísica, potencializada pelos desejos dos pais que pretendem evitar que a criança escape de todos os sofrimentos provocados pelo mundo externo. Há um encontro entre o narcisismo do bebê e o dos pais, como diz Araújo (2010). Nesse momento, nasce o a sua majestade, o bebê, como brinca Freud no texto de 1914. Pouco mais tarde, com o decorrer do desenvolvimento, a criança começa a perceber aos poucos a ausência/presença de sua mãe. Percebe a presença de um terceiro na, até então, relação diádica. Sente que não é a única pessoa em sua vida, o que abre uma ferida narcísica. Agora, com medo de perda do amor, do desamparo, passa a investir na sua mãe, a constituir uma relação com o objeto. Surge então a libido do objeto. Nesta fase a criança chama atenção da mãe por meio dos sons, dos sorrisos, dos grunhidos, seduz a mãe. Esta é a segunda fase do narcisismo, o *narcisismo secundário*. A libido investida na mãe retorna e fortalece o eu, é autoestima, o amor-próprio.

Freud, em seguida no texto, indaga-se sobre o que acontece com o amor oceânico sobre si. A resposta está no surgimento de uma outra instância denominada por ele como *ideal de eu* e *eu ideal*, resultado do processo de identificação com os pais e de sua onipotência narcísica. Aquilo que o adulto projeta na criança como o ideal, vai dizer Quinodoz, é o substituto do narcisismo perdido. O ideal de eu serve de referência de auto-observação frente às exigências do mundo externo e interno e as suas próprias em relação a estes dois mundos, aumentando as exigências do eu (Laender, 2005). Essa instância, Freud chama de consciência moral, formada pela crítica dos pais à criança, depois dos educadores, estendo-se para a sociedade em

geral (Quinodoz, 2007). A própria censura dos sonhos que Freud havia identificado em 1900 é um dos exemplos dessa instância, uma instância responsável também pela repressão.

Já o eu ideal é como uma espécie de curto-circuito no processo, um agente patológico, uma figura do narcisismo, resultado da onipotência do primeiro período que provoca delírios de grandeza no sujeito, delírios de observação em que a pessoa imagina que esteja sendo observada por outros, vigiada em suas ações ou que estejam lendo seus pensamentos (Quinodoz, 2007). Neste momento o eu se coloca como objeto para o outro, um lugar de refúgio para evitar a castração, a perda do amor do outro, muito comum nos adolescentes que tentam se moldar aos grupos ou a líderes admirados.

Agora avanço e passo a trabalhar com o texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, que vai colocar o indivíduo em sua relação com o social. Importante destacar nesse trabalho, que Freud vai mostrar a importância dos processos de identificação para o surgimento do Ideal de eu.

1.2 As relações vinculares do sujeito com os objetos

Na introdução de seu texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), Freud afirma que não há uma oposição clara entre a psicologia individual e a social. O que ele instaura nessa proposta é a relação com o objeto. Isto é, a constituição do sujeito estaria relacionada, de modo muito particular, aos processos vinculatórios com o objeto, a forma como o indivíduo constrói seu jeito de ser e estar ao lado no mundo. Logo no segundo parágrafo, Freud (1921) dirá que as relações do indivíduo com seus familiares, professores, podem ser apreciados como fenômenos sociais em oposição aos processos narcísicos, “nos quais a satisfação dos instintos escapa à influência de outras pessoas ou a elas renúncia”.

A partir desse pressuposto, o que ele examina no texto é a possibilidade da transposição do microcosmo psíquico individual para o macrocosmo das massas. Parte para a descrição dos processos identificatórios como mecanismos de construção de um ideal de eu que termina por inaugurar uma nova forma do próprio eu; analisa também as dinâmicas correspondências entre o ideal do eu e o eu que, por vezes, se torna refém do primeiro, vítima de uma ação opressora e, porque não dizer, escravo

de um dono sádico, portador de um rebenque que açoita violentamente o eu, enfraquecendo-o e o levando, por exemplo, aos estados de melancolia.

Um fator de coesão para Freud, do indivíduo na massa, é o poder dos processos de identificação, designada como a primeira expressão de ligação afetiva com o outro. Compreende que essa é a responsável por exercer importante papel na pré-história do complexo de Édipo. A identificação, portanto, é o que produz o amor.

A identificação é a mais antiga e original forma de ligação afetiva; nas circunstâncias da formação dos sintomas, ou seja, da repressão, e do predomínio dos mecanismos do inconsciente, sucede com frequência que a escolha do objeto se torne novamente identificação, ou seja, que o eu adota características do objeto. É digno de nota que nessas identificações o eu, às vezes, copia a pessoa não amada, outras vezes a amada (FREUD, 1921, p. 63).

Na tríade edípica esperada, o menino pequeno deseja ser como o pai, toma o pai como o ideal, quer ser como ele e fazer as mesmas coisas que o pai faz e tem. O menino, então, investe a pulsão sexual na mãe e hostiliza o pai, a quem toma como rival. Se, por acaso, ocorrer o complexo de Édipo invertido, ou seja, a identificação com a mãe, o pai passa a ser, ao contrário de admirado, desejado sexualmente, e a mãe o objeto da hostilidade.

Visto que a identificação é uma forma de amor, embora possa haver uma identificação pelo ódio, como nos casos em que as relações entre pais e filhos se dão por meio da violência, Freud descreve os caminhos que os sentimentos de amor podem tomar, assim como suas ligações com as pulsões sexuais no decorrer do desenvolvimento. Há duas possibilidades, segundo ele: uma corrente terna e outra sensual, que são chamadas a se unirem e promover o amor genital. Contudo, este encontro pode não acontecer e haver uma cisão entre as duas, uma dissociação. Freud exemplifica com os casos de homens que são impotentes com suas esposas, mas são potentes com mulheres que não amam que, inclusive, desprezam (FREUD, 1921). Ele esclarece que a intensidade do que chama de enamoramento é medida segundo a contribuição das pulsões inibidas em sua meta. Dessa medida, desse grau de enamoramento, o objeto amado pode ser favorecido como uma certa isenção de crítica e, dependendo do grau da repressão das correntes sensuais, há uma ilusão de que esse objeto é amado pelos seus atributos “espirituais”.

Esse processo de idealização torna o eu cada vez mais fragilizado diante do outro. O objeto é superdimensionado, ocupa o amor-próprio do eu. Diz Freud (1921,

p. 72): O objeto se colocou no lugar do lugar do ideal de eu. Uma introjeção do objeto, que se torna o parâmetro para avaliação do eu em relação ao seu interior e com o mundo exterior.

2. O eu e o isso: o sentimento de culpa inconsciente e a descrição estrutural do supereu

Em *O Eu e o Id*, de 1923, Freud vai apresentar a noção estrutural da psique. Descreve e define as suas três instâncias e suas relações do ponto de vista econômico e dinâmico. O que nos interessa aqui, contudo, é a descrição do supereu e suas relações com o id e com o eu. Se em 1921, Freud alertara para a existência de uma instância ligada ao mundo exterior, fruto de um processo de identificação com os objetos do mundo exterior, o ideal de eu, agora, ele vai descrever essa instância e denominá-la de supereu, mostrando que parte dela também é inconsciente.

O eu é a parte modificada do isso, influenciada pela sua relação com o mundo externo sob a mediação do sistema pré-consciente e consciente. Ele é corporal, uma projeção de sua superfície. Deriva das percepções corporais, daquelas percebidas pela superfície do corpo. Segundo Freud (1923), o eu, influenciado pelas exigências do mundo exterior, esforça-se para controlar as paixões, as exigências de satisfação do isso, que exige gratificações imediatas. “Assim, em relação ao isso, ele se compara ao cavaleiro que deve pôr freios à força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazer com as próprias forças e o eu com forças emprestadas” (p. 31).

Freud mostra-nos que algumas atividades do eu que, supomos, tem a ver apenas com o consciente, são realizadas no âmbito do pré-consciente. Cita casos de algumas atividades intelectuais que são resolvidas durante o sono. Vai dizer ainda que, durante as análises, percebeu que algumas pessoas apresentam um alto grau de exigência crítica e moral. Isso se faz perceber nos processos de *resistência* durante o processo analítico. Esse processo inconsciente, Freud vai chamar de *sentimento de culpa inconsciente*, derivado de uma exigência extrema, proveniente do ideal de eu ou supereu.

Como ele já havia descrito em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), no início da vida, o eu introjeta o objeto, ele se torna o objeto, uma identificação narcísica, exatamente como no processo melancólico, descrito em *Luto e Melancolia*

(1917), quando o mesmo explicou poeticamente a melancolia com a frase: *A sombra do objeto recai sobre o eu*. O eu é resultado, portanto, de investimentos de objetos abandonados, que contém a história das escolhas que os sujeitos fizeram na vida. Essas primeiras identificações, explica Quinodoz (2007), colocam-se como uma instância particular do eu, o supereu. Maldivsky (1991) esclarece:

O Superyó de cada indivíduo se constituye sobre la base de superyó de sus progenitores. Ocurre como um desenlace derivado del complejo de Édipo e implica um mecanismo: identificación secundaria e lá renúncia a una elección objetual. Mientras se mantienen las identificaciones primarias el ideal indiscernible del yo; no existe tensión alguna entre ambos. Por lo tanto, superyó, como instancia parental separada del yo, tiene vigencia sólo luego de una decepción que implica en una separación entre el ideal y el yo; el niño se desengaña con respecto al supuesto de que los padres ideales, y, consecuentemente, de que él es idéntico a un modelo. Los contenidos del superyó tienen un triple origen: el grupo social, la familia y las propias vivencias (los encuentros de la pulsión con el objeto, durante la prehistórica y la historia del complejo del Edipo) (MALDAVSKY, 1991, p. 62).

Além disso, como diz Quinodoz (2007), a existência do supereu decorre da religião, da consciência moral individual e dos sentimentos sociais. Para Freud, a origem do supereu está, hipotetiza, na ancestralidade. De alguma forma, há uma espécie de hereditariedade no Isso que transmite restos incontáveis de vida, assunto também tratado posteriormente em *O Mal-Estar da Civilização*.

Referências

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, vol. 15.

FREUD, Sigmund. O eu e o id (1923). In: FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, vol. 16.

LAENDER, Nadja Ribeiro. A construção do conceito de Superego em Freud. *Reverso*, Belo Horizonte, n. 52, set. 2005.

MALDAVSKY, David. *Procesos y estructuras vinculares*. Mecanismos, erogeneidad y lógicas. Buenos Aires: Nova Visión, 1991.

QUINODOZ, Jean-Michel. *Ler Freud*. Um guia de leitura da obra de S. Freud. Porto Alegre: Artmed, 2007.